



PELA VOZ DO DIABO: UM NOVO EVANGELHO

BY THE DEVIL VOICE: A NEW GOSPEL

Iasmim Santos Ferreira
Jacqueline Ramos

RESUMO

O estudo analítico dos aspectos cômicos em crônicas machadianas aponta para o uso da comicidade com vistas à revelação de aspectos recalcados, ao desate de perspectivas estereotipadas e ao afloramento de novas. Para tanto, o autor faz uso do absurdo, da sátira, da ironia e da paródia, recursos de linguagem que fazem parte das reflexões de Bergson (2007), Freud (1977) e Jolles (1976) acerca da funcionalidade do cômico. Norteou também nosso trabalho, o estudo de Sá Rego (1989) acerca da sátira menipéia e a tradição luciânica em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, assim como o de Sônia Brayner (1982) que se ocupa das crônicas machadianas. Selecionamos para análise a crônica “O Sermão do Diabo”, paródia do Sermão da Montanha pregado por Cristo. Machado satiriza as convenções religiosas e demonstra no evangelho do diabo conselhos para ser um malandro, e assim, um bem-aventurado. Ressalta-se a presença da tradição luciânica nos escritos machadianos. Em suma, o cronista visa os aspectos cômicos para fins reveladores de valores socialmente ocultados.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; comicidade; crônicas.

ABSTRACT

The analytic review of the comics aspects in machadian chronicles shows the use of comicality to reveal repressed aspects, to break stereotyped perspectives and to build new perspectives. Therefore, the author use of absurd, of satire, of irony and of the parody, language processes that take part of Bergson’s reflections (2007), Freud’s reflections (1977) and Jolles’ reflections (1976) about the functionality of the comic. Our work was guided also by the Sá Rego’s study (1989) about the menippean satire and the lucian tradition in *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, as well as Sônia Brayner (1982) which deals with the machadian chronicles. We choose for analysis the chronicle “O Sermão do Diabo”, parody of Sermon on the Mount preached by Christ. Machado satirizes the religious conventions and demonstrates in the devil’s gospel, advices to be a trickster, and so, a blessed person. Stands out the presence of lucian tradition in the machadian writes. In short, the use of comics aspects by the author is in order to reveal repressed.

KEYWORDS: Machado de Assis; comicality; chronicles.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo é resultado do desenvolvimento do projeto “A função do cômico na prosa realista de Machado de Assis” e do plano de trabalho de iniciação científica, intitulado de “Crônicas Machadianas: aspectos cômicos”, que se ocupa dos recursos de linguagem utilizados na construção do cômico: a sátira, a ironia, a paródia e o absurdo. Percebe-se na obra machadiana uma retomada da tradição luciânica com uma perspectiva inovadora, aspecto que estudaremos no *corpus*: *Sermão do Diabo*.

Por que a paródia de um texto considerado sagrado causa riso? Qual o objetivo de criar ficcionalmente um evangelho do diabo? Qual finalidade do uso dos aspectos cômicos nesse texto? A paródia aparece revistada de algo absurdo, divergente, contrário ao previsto pela visão moralizante, colocando-o em fórmulas e frases estereotipadas, tornando-as cômicas. Desse modo, Machado está desfazendo a perspectiva cristã, atando uma nova abordagem. Além disso, no texto o diabo orienta aos seus discípulos em como serem bem-aventurados, instando-os a tornarem-se verdadeiros malandros. Curiosamente, o autor satiriza o texto sagrado, seduzindo os leitores por meio do riso.

Percebemos que estudar o cômico e o riso, seu efeito fisiológico, abrange questões de ordem filosófica, religiosa e ética, nos levando a caminhos que suscitam grandes questionamentos. Entre eles, o fato de Jesus ter rido ou não. Em toda parte em que se fala explicitamente de riso no Novo Testamento, é para condená-lo como zombaria ímpia, sacrílega. O cristianismo defende a humanidade de Cristo, porém não admite o riso e o sexo como elementos do caráter de ‘homem’.

Daí o surgimento do famoso mito do qual se tirarão consequências mortais para os cristãos: já que não se fala que Jesus riu, é porque ele não riu, e como os cristãos devem imitá-lo em tudo, não devem rir também? (MINOIS, 2003). Atualmente, seria adequado não rir, considerando que socialmente estamos em uma geração que o riso se tornou uma máquina ferrenha para a publicidade e os interesses capitalistas? Qual posição o



cristianismo tomou para resolver o problema do riso no decorrer da história da humanidade? Hoje, com a democratização do riso, temos risos vívidos ou amarelos?

Machado percebeu este poder da comicidade e, assim como Luciano de Samósata em sua época, recorreu ao cômico para discutir questões filosóficas por meio de recursos estilísticos como a paródia. As palavras de Minois falando a respeito de Luciano podem qualificar também o maior escritor do realismo brasileiro, ao dizer que Luciano serve ao público o riso cômico sob a majestade filosófica, o cômico a serviço do sério, “arranca sua máscara trágica e grave e lhe impõe uma outra, cômica, satírica, ou seja, risível” (2003, p. 66). Podemos dizer que Machado de Assis também nos proporciona o risível filosófico, e ainda dispõe da lente realista de análise das relações sociais.

Embora existam muitos estudos sobre a obra machadiana, esses ainda privilegiam os romances e os contos; deixando à margem as crônicas. Por isso, justifica-se o nosso trabalho, o qual visa o estudo desse gênero literário, que surpreende mesmo estando sob o juízo da efemeridade do jornal. Nosso percurso deteve-se no estudo das teorias da comicidade, no estudo da crônica enquanto gênero discursivo, na identificação de modos e funções da comicidade no *corpus* selecionado, na discussão acerca dos sentidos engendrados pelas formas cômicas.

APORTE TEÓRICO

E o que seria o riso? Porque rimos e do que rimos? Que aspectos risíveis podem ser percebidos nas crônicas de Machado? Para delinear o que é o riso, o que está por trás desse efeito fisiológico do cômico e em que se assemelham as diversas formas da comicidade, Bergson traça alguns pontos dessa problemática que desde o tempo de Aristóteles vem sendo discutida. Bergson considera o cômico como um fenômeno eminentemente social, afirmando que “não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano” (2007, p. 2), mesmo quando se ri de um animal é pelo fato de ser surpreendido com um algum traço ou ação de aspecto humano. Logo, pode-se dizer que o homem não é apenas o animal que sabe rir, como atestaram alguns filósofos, mas que esse é também um ser que faz rir, que conduz ou gera o risível.



O filósofo identifica a comicidade no “mecânico sobreposto ao vivo” (BERGSON, 2007, p. 28), fonte primária do risível, entretentes, ele diz que “(...) para produzir o efeito pleno, a comicidade exige enfim algo como uma anestesia momentânea do coração. Ela se dirige à inteligência pura” (BERGSON, 2007, p. 4). Portanto, para rir de alguém querido se faz necessário, anestesiá-lo emocionalmente.

Para o autor, o que provoca o riso é o mau jeito, ou seja, é o ato involuntário, é a rigidez mecânica. Comprova-se que o cômico é a resposta ao esgarçamento social, fazendo com que o indivíduo coagido pela ridicularização, tome o molde comportamental desejado pela sociedade. Vale mencionar que Bergson está observando um tipo de cômico, o do teatro bufo, cujo objetivo é a coerção grupal.

Ao fim do seu estudo, Bergson conclui que a vaidade é mais superficial e mais profunda que todos os outros vícios, e portanto, torna-se um paradoxo perfeito para ser explorado na comicidade. Todos os vícios gravitam em torno dela, é mais inata até mesmo do que o egoísmo, bem como é oriunda da vida social. Assim, o riso seria uma vara que açoita os desvios sociais de forma descontraída.

Outra perspectiva seria a de Freud que, ao investigar o inconsciente, escreve os ensaios *A Interpretação dos Sonhos* (1900) e, posteriormente *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905). Freud abre a discussão com uma revisão crítica acerca do que alguns teóricos já haviam conjecturado sobre os chistes, citando Jean Paul, Theodor Vischer, Kuno Fischer e Teodor Lipps.

Algumas postulações de Freud assemelham-se as concebidas por Bergson, como o interesse do cômico pelo feio. Também aponta a brevidade que é “o corpo e alma do chiste, sua própria essência” (JEAN PAUL, 1804, *apud* FREUD, 1977, p. 26). Os sucessivos *desconcerto e esclarecimento* são mecanismos que visam estranhar para fazer perceber verdades escondidas, proporcionando o esclarecimento, e, possibilitando acessar o proibido, ao passo que, desfaz tensões sociais. Em sua abordagem, o pensador estabelece dois paradigmas fundamentais para a formação dos chistes, a *condensação* e o *deslocamento*, descrevendo maneiras de como eles funcionam tecnicamente.



O chiste é “a habilidade de encontrar similaridades entre coisas dessemelhantes, isto é, descobrir similaridades escondidas” (FREUD, 1977, p. 23), logo a partir de tais semelhanças há um aglutinamento ou de ideias, ou de palavras, ou de coincidências sonoras que Freud denomina *condensação*. No início da investigação a impressão que se tem é que Freud está preocupado em distinguir os chistes do cômico, mas não há uma sustentação para essa distinção.

Outro estudo teórico recorrido foi *Formas Simples* de Jolles, que visa analisar as disposições mentais que se verificam na linguagem, tratar-se-á em especial do capítulo em que se dedica ao chiste. Jolles inicia argumentando que o chiste se atualiza conforme épocas, povos, estilos e modos distintos, bem como é eminentemente social. O caráter social do chiste é percebido nas três teorias estudadas.

O autor define o chiste como a forma que “desata coisas e desfaz nós” (JOLLES, 1976, p. 206); desatando a ética, a lógica, a linguagem e suas próprias formas. No entanto, não se caracteriza apenas pelo desate, mas pelas novas perspectivas que se atam, visto que no “universo do cômico todas as coisas se atam, ao desfazerem-se ou ao desatarem-se” (1976, p. 215). Portanto, o chiste vai além do mecanismo de desatar pois, ao desfazer, ele tece uma nova perspectiva. O chiste é também, um meio perspicaz que desfaz as barreiras internas e externas, dando ao indivíduo liberdade à medida que essa liberdade é constituída de técnicas por vezes, ilógicas.

Podemos distinguir dois tipos de cômicos nas duas teorias abordadas primeiramente: o conservador (Bergson), que castiga os desvios comportamentais, e o libertador (Freud), que dá acesso a conteúdos reprimidos. Em Jolles, há uma dualidade, pois ele vislumbra o chiste como dependente desses dois tipos, conferindo-lhe um caráter dual, capaz de “efetuar ao mesmo tempo uma mesma tarefa: desfaz um edifício insuficiente e desafoga uma tensão” (JOLLES, 1976, p. 213). Portanto, o cômico pode ser repressor para quem é seu objeto de gozação, e ser libertador quando, por meio do chiste, os assuntos inibidos no discurso sério são manifestos.

Além do estudo dessas teorias, nos ocupamos também da crônica enquanto gênero literário. Para Cardoso “nomeia-se crônica o texto leve, fluente e sintético, que forma o elo entre o passado (as linhagens medievais) e o presente” (1992, p. 137); ou



seja, cumpre uma função de ligação entre eras com o objetivo de situar o presente. E o “discurso machadiano faz-se ambíguo para caracterizar a modernidade. Encena o presente, perquire-o de várias perspectivas, conhece-o extensamente, mas reserva-se o direito de dúvida, embutida nas entrelinhas” (CARDOSO, 1992, p.141).

Comumente encontramos o uso do humor nas crônicas, que partem de aparente simplicidade, mas leva-nos a questionamentos profundos. “A sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão” (CÂNDIDO, 1992, p. 14). Brayner afirma que a crônica é um “fragmento sem aura, de impossível distanciamento e singularidade” (1992, p. 416). A autora também diz que esse gênero na obra machadiana não é um texto-ponte para os considerados mais célebres, e sim uma solda capaz de entrelaçar sua produção literária de mais de quatro décadas.

Segundo Brayner, foi na crônica jornalística que Machado de Assis teve o seu verdadeiro laboratório ficcional para o enunciado romanesco. Gênero que circulou no século XIX com o objetivo de entreter o público da cidade, ocupando um espaço dos jornais, denominado *folhetim*. Na produção de Machado, as crônicas voltam-se aos fatos corriqueiros, mas significativos na medida em que revelam valores e relações sociais.

Nota-se também uma preocupação em desfazer o já-pensado, em vistas de questionar ações e comportamentos que a sociedade tem como inquestionáveis. Essa característica do cômico em desfazer algo e atar uma nova perspectiva, trazendo revelações, é apontada por Jolles e Freud. Em toda a obra de Machado há essa “ambivalência dialógica da verdade” (BRAYNER, 1982, p. 429).

Comumente o cronista utiliza ideologias antagônicas com finalidade parodística (BRAYNER, 1982), como ocorre já no título da crônica que selecionamos para análise. Outro recurso constante é a solicitação do leitor com chamadas retóricas de teor irônico.

A paródia passa a ser uma forma preferida, vestida de um “capote axiomático” com que explora a crônica convencional. Estilizando com ironia ou parodiando abertamente, Machado assume de maneira oposta o estilo épico, epistolar, forense, burocrático, teórico e tantos outros. (BRAYNER, 1982, p. 432)

A relação de Machado com a tradição luciânica é visível em textos como “Parasita I”, que faz uma intertextualidade com um diálogo de Luciano de Samósata, intitulado quase que da mesma forma. Machado escreveu duas crônicas denominadas de



“Parasita”, numa o parasita tenta ser bem aceito na sociedade por meio de comer bem; e noutra trata-se de um parasita literário. O texto luciânico do parasita é um elogio a “arte” de se viver como um parasita social. No texto machadiano há uma influência notória dessa tradição, a incorporação da estética através da paródia, do uso das citações truncadas, do ponto de vista do observador distanciando e do falso pessimismo; portanto existe uma intertextualidade com o texto do Luciano de Samósata. Para Sá Rego:

Machado conscientemente seguiu em sua obra madura a linhagem ‘luciânica’ da literatura ocidental, linhagem intrinsecamente relacionada com a tradição da sátira menipéia, e que atravessa nossa herança literária da Antiguidade aos tempos modernos (1989, p. 26).

Percebe-se que Machado assim como Luciano entendeu que o cômico fornece a vazão necessária para não levar as coisas tão a sério, para passar ‘rindo’ de tais, pois se está em um nível de sabedoria mais elevado, capaz de perceber as limitações humanas e a penosa moral da vida.

Machado escreve “O Elogio da Vaidade” que dialoga diretamente com o “Elogio da Loucura”, de Erasmo, que foi influenciado também pela tradição luciânica, ou seja, Machado busca a tradição da sátira menipéia, tanto em Luciano de Samósata, quanto em outros autores clássicos que seguiram essa linha, mantendo-se na dialética tradição *versus* inovação. Para Sá Rego, a obra de Machado é “uma solução criadora que ao mesmo tempo segue e transforma a tradição luciânica, adaptando-a às necessidades artísticas de seu tempo e de seu objetivo” (1989, p.113).

No conto *A Igreja do Diabo* de Machado de Assis, há um diálogo do diabo com Deus acerca do desejo de fundar uma igreja para ter seus cânones, suas novenas e seus fiéis. Desejoso por ter sua igreja diz que seu ajuntamento congregará pessoas de todas as religiões, porque para afirmar muitos divergem, no entanto para discordar conseguiria o maior número de pessoas. Um dos requisitos deste novo ajuntamento de religiosos era a exclusão das virtudes e a exaltação dos vícios, amar ao próximo ocupava o lugar da mais repugnante virtude.

As temáticas abordadas pelo autor no conto *A igreja do Diabo* e na crônica *O Sermão do Diabo*, embora pareçam semelhantes, são distintas. Em uma são questionamentos acerca do cristianismo, na outra são questões sociais. Não



necessariamente pela temática, mas talvez pelo gênero, o conto é mais estudado do que a crônica, talvez porque essa seja considerada um gênero menor.

AS INTERFACES ENTRE MACHADO DE ASSIS, EM SUAS CRÔNICAS, E LUCIANO DE SAMÓSATA

Ao lermos 42 crônicas para a escolha do corpus, adquirimos uma visão mais ampla acerca desse gênero na produção de Machado. As crônicas lidas foram: *Os fanqueiros literários*; os dois textos intitulados de *O parasita*; *O empregado público aposentado*; *O folhetinista*; o bloco da série *O futuro* (dezesseis crônicas intituladas de datas); *O futuro dos argentinos*; *A reforma pelo jornal*; *O jornal e o livro*; *O velho Senado*; *José de Alencar*; *O visconde de Castilho*; *Henrique Lombaerts*; *Joaquim Serra*; *Henrique Chaves*; *Cherchez la femme* (Procure a mulher); *Entre 1892 a 1894: Vae Soli!* (Ai do solitário!); *Salteadores da Tessália*; *O Sermão do Diabo*; *Canção de piratas*; *Garnier*; *A cena do cemitério*; o bloco denominado *A história dos 30 anos* (com três crônicas); as *Cartas Fluminenses* que contém duas crônicas: *À opinião pública* e *a Hetaira*.

Observamos as interfaces entre a obra de Machado e a de Luciano. Em especial, as crônicas *Parasita I* e *Parasita II*, em que o autor realista faz uma estilização com o discurso do diálogo *O Parasita* de Luciano de Samósata. Machado discute o parasitismo não só no âmbito alimentar, do parasita que se coloca a mesa, mas denuncia as relações sociais. Como afirma: “O parasita ramifica-se e enrosca-se ainda por todas as vértebras da sociedade. Entra na Igreja, na política e na diplomacia; há laivos dele por toda a parte” (MACHADO, 1994, p. 4). No entanto, o texto de Luciano é um diálogo entre Simão (parasita) e Tiquíades, o primeiro convence o segundo de que o parasitismo é uma arte, ao ponto deste se dispor a ser um discípulo de Simão. O texto aponta para questões filosóficas acerca da vida, das preocupações normais dos homens em comer e beber, e demonstra que o parasita está livre delas. Em Luciano, o parasita é sublimado, em Machado o parasita é um meio pelo qual se pode observar as relações em sociedade.

UM NOVO EVANGELHO

Nem sempre respondo por papéis velhos; mas aqui está um que parece autêntico; e, se o não é, vale pelo texto, que é substancial. É um pedaço



do evangelho do Diabo, justamente um sermão da montanha, à maneira de S. Mateus. Não se apavorem as almas católicas. Já Santo Agostinho dizia que "a igreja do Diabo imita a igreja de Deus". Daí a semelhança entre os dois evangelhos. Lá vai o do Diabo. (ASSIS, 1893, p.4)

O enunciador comunica-se distanciado da narração do sermão proferido pelo Diabo, isentando-se da responsabilidade diante do que esse evangelho fala. Como afirma: "Nem sempre respondo por papéis velhos; mas aqui está um que parece autêntico" (grifo nosso); ele demonstra uma imprecisão da credibilidade daquele evangelho. Deixa evidente o fato de o texto ser uma paródia, pois declara ser "à maneira de S. Mateus" e o manuscrito é justamente um sermão da montanha, como no texto bíblico¹.

Para persuadir o leitor, o narrador pede às almas católicas para não se apavorarem; para tal fim, faz uma intertextualidade com o que disse Santo Agostinho, "a igreja do Diabo imita a igreja de Deus", reafirmando a paródia e fazendo uso de argumento de autoridade para se defender de acusação de heresia.

A maturidade de um discurso se revela quando o autor, atingindo a paródia, liberta-se do código e do sistema, estabelecendo novos padrões de relação das unidades. Do lado da ideologia dominante, a paráfrase é uma continuidade. Do lado da contra-ideologia, a paródia é uma descontinuidade. Assim como um texto não pode existir fora das ambivalências paradigmáticas e sintagmáticas, paráfrase e paródia se tocam num efeito de intertextualidade, que tem a estilização como ponto de contato. Falar de paródia é falar de intertextualidade das diferenças. Falar de paráfrase é falar de intertextualidade das semelhanças. (SANT'ANNA, 1937, p. 28)

A paródia traz o outro lado da moeda, apresentando uma perspectiva silenciada pelo texto original, enquanto a paráfrase está em conformidade com o que foi dito anteriormente. A primeira se manifesta ao contrário da ideologia dominante e inaugura uma nova perspectiva. Além disso, é um dos recursos utilizados pelo cômico, como aponta Bergson (2007).

A estrutura do texto se assemelha à organização do texto bíblico atualmente, que sofreu alterações na sua estrutura desde o século XIII, recebendo a formatação do novo testamento em versículos e/ou versos pelo impressor francês Robert d'Étienne em 1551.

¹ Sermão da Montanha registrado no evangelho de São Mateus do capítulo 5 a 7.



O primeiro versículo de “O Sermão do Diabo” está em compatibilidade com o primeiro manuscrito, do mesmo modo em que Jesus olhou a multidão, se assentou e teve os seus discípulos se aproximando dele, ocorreu com o diabo. “1º E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos” (ASSIS, 1893, p. 4).

O monte ao qual o diabo subiu, era o Corcovado, significa que era curvo e/ou corcunda. O texto original não diz como era o monte, nem o seu nome; apenas se sabe que Jesus foi até uma região montanhosa para doutrinar. O fato desta crônica nomear o monte em que o Diabo ensinava como Corcovado revela um aspecto da comicidade, pois é de interesse do cômico o prestígio pelo feio e pelas imperfeições; o corcunda é personagem alvo das comédias, como demonstra Bergson em seus estudos (2007). Além disso o Corcovado também é uma referência ao morro em que fica a estátua de Cristo na cidade do Rio de Janeiro, Machado observa a sociedade carioca, o seu “conteúdo pitoresco, humano e urbano das relações sociais do Rio de Janeiro” (BRAYNER, 1982, p. 427).

Embora o segundo versículo pareça uma paráfrase do versículo dois do evangelho de S. Mateus, visto que não faz inserção de algo distinto do original, o contexto torna-o paródia. Do mesmo modo em que Cristo ensinou aos seus discípulos, no manuscrito velho do diabo, há referência de que ele abriu a boca e ensinou aos seus seguidores.

Embora a estrutura da crônica se apresente como um texto bíblico em versículos, as bem-aventuranças estão interpoladas, o cronista coloca-as em uma disposição diferente. “Bem-aventurados aqueles que embaçam, porque eles não serão embaçados” (ASSIS, 1893, p. 4). Essa é a primeira bem-aventurança proferida pelo mestre diabo, que parodia diretamente a quarta dita por Jesus: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”². Constitui-se em uma ironia, pois ao tempo que um evangelho aconselha a fazer justiça, o outro instiga a ser desonesto, a embaçar, para não ser embaçado. Quanto à ironia Minois aponta nos seus estudos ser uma vertente do ceticismo.

Mas a pedagogia pelo riso pode, realmente, desembocar em outra coisa que não o ceticismo? Pode-se, com razão, duvidar. A grande lição do riso

² Evangelho de São Mateus, capítulo 5, versículo 6.



socrático é que nós acreditamos saber das coisas quando não sabemos nada. Preconceitos, convenções, erros, crenças infundadas: tudo isso é solúvel na ironia socrática. E o que resta? Apenas a ironia. (MINOIS, 2003, p. 65)

O termo embaçar, segundo o dicionário consultado, significa “tornar sem brilho” (FERREIRA, 2008, p. 179) no contexto da paródia o autor atribui mais um significado, o de ludibriar. Além de estar fazendo um paralelo ao fato do texto bíblico chamar os discípulos de luz do mundo, a paródia brinca com esse significado, para dizer aos seus discípulos que deveriam enganar porque senão seriam enganados, além de que perderiam a sua essência de luz. Fazendo uma inversão cômica e uma paráfrase ao atribuir a metáfora da luz aos seguidores do diabo. Nesse sentido, Machado estaria dispondo um manual da malandragem, fazendo uma crítica à sociedade. Como é possível ser justo numa comunidade em que as pessoas trapaceiam constantemente? Então, a saída seria ser malandro, embaçar/trapacear o outro?

“Bem-aventurados os afoitos, porque eles possuirão a terra” (ASSIS, 1893, p. 4), o diabo profere a recompensa que Jesus disse aos mansos, prometendo-lhes a terra³. A crônica está levantando uma indagação acerca de quem é de fato recompensado, em ser manso? Se a motivação para ser manso é a promessa, o diabo satiriza prometendo a mesma coisa.

Jolles faz uma distinção entre a sátira e a ironia, a primeira tem um caráter moralizante, visa à zombaria e não permite que o seu autor se inclua como objeto de reprovação. Busca corrigir o desvio, que Jolles denomina de insuficiência, culminando na mesma direção da abordagem de Bergson (2007), percebida na correção dos desvios sociais. “Na medida em que se esforce por desfazer o repreensível a partir de sua insuficiência, ou a insuficiência a partir dela mesma, o chiste recebe o nome de zombaria” (JOLLES, 1976, p. 211).

A ironia, por sua vez, tem por objetivo ensinar, permite até mesmo trocar de quem repreende, como em um distanciamento de si mesmo, há uma neutralização para obter o gracejo. “O azedume da ironia resume-se em encontrar em nós o que censuramos em

³ Evangelho de São Mateus, capítulo 5, versículo 4.



outrem” (JOLLES, 1976, p. 212). A ironia tem caráter revelador, mostra aquilo que estava escondido, revela ao indivíduo o que ele esconde de si mesmo, como aponta Freud (1977). Para Minois, a ironia é “como sabedoria, como estilo de vida, a ironia que dissipa as miragens, a ironia que nos torna lúcidos e destrói falsas verdades” (2003, p. 65). No caso do texto analisado, o cômico está unindo coisas inconvenientes, desproporcionais, se dirigindo à inteligência, desfazendo a perspectiva cristã, revelando as relações sociais, sendo um condutor para a sabedoria por meio da ironia.

“Bem-aventurados os limpos das algibeiras, porque eles andarão mais leves” (ASSIS, 1893, p. 4); ao passo que os limpos de coração verão a Deus, Machado ironiza o fato de ser limpo de coração, rebaixando o discurso do âmbito religioso para o mundano, provoca o riso ao alterar o molde frasal considerado. “Obtém-se uma frase cômica inserindo-se uma ideia absurda num molde frasal consagrado” (BERGSON, 2007, p. 83). Além de desfazer a perspectiva estabelecida e atar outra, como observa Jolles (1976).

No discurso pregado pelo diabo há a inserção de uma bem-aventurança que não dialoga com nenhuma das do texto original. Como segue: “bem-aventurados os que nascem finos, porque morrerão grossos” (ASSIS, 1893, p. 4), caracteriza-se como uma quebra da linearidade do paralelo estabelecido entre as virtudes elencadas no Sermão do Monte, bem como a zombaria diz respeito ao fato de nascer fino, não esteticamente, mas uma relação à classe social, nascer numa camada social privilegiada, é de fato, uma bem-aventurança; pois todos “morrem grossos”. Através de um gracejo, estabelecido pelo uso das palavras antagônicas: fino e grosso; o uso do cômico neste caso está levantando questionamentos: O fato de morrer grosso seria uma referência ao acúmulo econômico ou a grosseria provinda do poder?

7º Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e disserem todo o mal, por meu respeito. 8º Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso na terra. 9º Vós sois o sal do *money market*. E se o sal perder a força, com que outra coisa se há de salgar? 10º Vós sois a luz do mundo. Não se põe uma vela acesa debaixo de um chapéu, pois assim se perdem o chapéu e a vela. (ASSIS, 1893, p. 4)

Ao parafrasear a afirmação de Cristo que diz aos seus discípulos serem muito felizes quando injuriados; o autor busca escarnecer da perspectiva cristã, tanto que declara no verso posterior que o galardão dos seus seguidores estaria na terra,



substituindo a expressão antagônica céu. É uma das peculiaridades do cômico proporcionar o rebaixamento para revelar verdades inibidas, nesse caso, rebaixa-se do universo metafísico/celestial para o palpável/terreno. Esse procedimento cômico é observado por Bergson (2007).

Além disso, o diabo aconselha-os a se alegrarem com a confirmação do mal, ao dizer “folgai e exultai”. Ao invés dos discípulos serem a luz do mundo, o diabo declara que esses são o sal do *money market* – mercado financeiro – ou seja, são o que dá sabor e mantém o mercado. Ironicamente os coloca numa posição de imprescindíveis, pois sem tais não haveria com que salgar.

No texto bíblico, São Mateus diz que não “se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador e alumia a todos os que se encontram na casa”⁴. Parodiando essa passagem, o diabo diz que a vela acesa não pode ser posta debaixo do chapéu, pois se perderia o chapéu e a vela; o que ele quer dizer com isso? Quer quebrar a perspectiva estabelecida de que essa luz precisa ser vista atando outra com finalidade irônica, pois numa perspectiva diabólica o fogo não é para iluminar, e sim para destruir.

11º Não julgueis que vim destruir as obras imperfeitas, mas refazer as desfeitas. 12º Não acrediteis em sociedades arrebatadas. Em verdade vos digo que todas se consertam, e se não for com remendo da mesma cor, será com remendo de outra cor. 13º Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio. (ASSIS, 1893, p. 4)

Enquanto Cristo afirma não ter a pretensão de revogar a lei e os profetas⁵, e sim cumprir a lei; o diabo refaz as obras desfeitas. O objetivo de Jesus no Sermão da Montanha é demonstrar que esta lei (os 10 mandamentos) traz um fundamento social/moral e não necessariamente espiritual⁶. É o que ocorre com a explicação acerca do assassinato; a lei diz: “Não matarás”, Cristo afirma que ao odiar o próximo já o matou. No Sermão pregado por Cristo ele mostra a incapacidade do homem cumprir a lei, por isso, na visão cristã se faz necessária a morte na cruz para redimir pecadores. Assim, a lei é impossível de ser cumprida, a graça vinda de Deus e manifesta em Jesus é perfeita.

⁴ Evangelho de São Mateus, capítulo 5, versículo 15.

⁵ Evangelho de São Mateus, capítulo 5, versículo 17.

⁶ Êxodo (2º livro do Pentateuco), capítulo 20, versículos 1-17.



O diabo visa refazer uma perspectiva que estava desfeita, silenciada pelas conveniências sociais, o que deixa claro o objetivo dessa prosa machadiana. Ao dizer aos seus discípulos que não deveriam acreditar em sociedades arrebentadas, porque todas se consertam, está dizendo justamente o oposto, que não existem sociedades consertadas, e sim arrebentadas. Nesse caso, a ironia é vista como a representação pelo contrário como aponta Freud (1977), invertendo para melhor visualização da problemática.

Também faz uma intertextualidade com a comparação do vinho novo em odres velhos⁷, na qual Jesus fala que não se pode remendar pano novo em veste velha; o autor parodia dizendo o contrário, que qualquer remendo serve, senão for da mesma cor, deverá ser de outra; o que importa é remendar. Visto que o diabo prega as imperfeições, o remendo é imperfeito. Se o que importa é remendar e antes disso, falou nas sociedades consertadas, possivelmente Machado esteja fazendo uma denúncia social por meio do uso da ironia e da paródia, para dizer que nessa sociedade tudo se remenda, pois de fato ela se encontra arrebentada, não há sociedade que não se remende, com remendo da mesma cor ou de outra, o imprescindível é cobrir as lacunas, ainda que as deixe mais evidente.

Ao se contrapor ao primeiro evangelho que diz: - “Amái-vos uns aos outros”, o diabo utiliza do modo imperativo para ordenar aos seus discípulos que comessem uns aos outros, ocasionando um efeito de comicidade pelo uso do absurdo da ordem dada. “O absurdo cômico é de mesma natureza do absurdo dos sonhos” (BERGSON, 2007, p. 139), visto que tanto nos sonhos quanto nos chistes existe a liberdade de construir frases e situações absurdas, as quais ocasionam o riso.

Embora essa crônica machadiana tenha sido publicada depois do período realista, notamos o cientificismo das correntes pregadas por esse movimento literário. Comer o outro está relacionado com uma perspectiva darwinista que se baseia na seleção natural e evolução da espécie, sobretudo vinculado ao fato do mais forte prevalecer sobre o mais fraco, portanto “o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio”. Uso do absurdo cômico é de caráter revelador, pois memora ao ser humano o seu estado de animal, que

⁷ Evangelho de São Mateus, capítulo 9, versículo 17.



é uma das características da comicidade, permitir que a máscara da racionalidade séria seja retirada, revelando o lado animal que estava escondido, como observa Bergson (2007). Isso indicaria que o instinto de sobrevivência é a base para as relações sociais, sobretudo a capitalista.

14º Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar a vosso irmão para ganhardes o reino da terra; basta arrancar-lhe a última camisa. 15º Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo. 16º Iguamente ouvistes que dito aos homens: Não jurareis falso, mas cumpri ao Senhor os teus juramentos. 17º Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. Se disseres que o sol acabou, todos acenderão velas. 18º Não façais as vossas obras diante de pessoas que possam ir contá-lo à polícia. 19º Quando, pois, quiserdes tapar um buraco, entendei-vos com algum sujeito hábil, que faça treze de cinco e cinco. 20º Não queirais guardar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e donde os ladrões os tiram e levam. 21º Mas remetei os vossos tesouros para algum banco de Londres, onde nem a ferrugem, nem a traça os consomem, nem os ladrões os roubam, e onde irei vê-los no dia do juízo. (Assis, 1893, p. 5)

Há uma quebra de expectativa tanto no versículo quatorze quanto no quinze; quando o diabo reafirma não ser necessário matar o irmão, para o leitor fica parecendo que é uma paráfrase do texto, no entanto ele parodia ironicamente dizendo que basta “arrancar-lhe a última camisa”, ou seja, ele propõe aos seus discípulos que não precisa matar, basta roubar o que a pessoa tem até tirar um bem tão necessário como é a roupa na nossa sociedade, propondo que a humilhação e o sofrimento são mais eficazes do que a morte.

Assim como, “se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, (...) vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo”, nos parece que o diabo vai aconselhar para fazer as pazes com o irmão, em vistas dele não desconfiar; no entanto ele quebra essa expectativa, como é próprio da comicidade, conforme observou Kant (s/d, *apud* BERGSON, 2007, p. 63); para instigar ao roubo mais uma vez. O uso da palavra irmão



constitui uma ironia; como é irmão se o rouba? Que tipo de fraternidade é essa? É possível que Machado não esteja apenas parodiando ironicamente, mas também questionando as relações sociais no âmbito religioso e social.

A verdade é colocada como indecente, portanto nunca poderá ser dita. O juramento deve ser executado sempre que possível, pois os homens acreditam muito mais nas pessoas que juram, assim a ironia está além do pessimismo e do otimismo, ela revela uma perspectiva realista sem exageros, mas comedida (MINOIS, 2003). A crônica suscita questionamentos acerca das relações em sociedade. Que tipo de sociedade se tem, na qual a verdade não tem espaço? Como são as relações sociais em uma comunidade que precisa de juramentos para crer?

O ironista sempre pisa em falso, porque nunca adere completamente ao presente. Ele toca de leve os problemas, jamais se engaja a fundo, não corre o risco do desencanto, pois nunca toma como seu nenhum valor. Eis uma conduta econômica e diplomática, que normalmente permite evitar o desespero. (MINOIS, 2003, p. 570)

Nos versículos dezoito e dezenove, o diabo orienta para não fazer obras perto de pessoas que as contem a polícia e ao precisar tapar buraco chamar alguém hábil para isso, fazendo um contraste com o texto bíblico que manda fazer tudo à luz. Fazer as escondidas implica que aquilo que está sendo feito é julgado socialmente como errado. O uso do absurdo cômico, nesse caso, é para revelar que na sociedade só é julgado quem for pego, do contrário se mantém imune.

Ao aconselhar para não acumularem tesouros na terra, como Cristo aconselhou aos seus discípulos, o diabo satiriza dizendo que é melhor mandá-los para um banco em Londres, onde os encontrará no dia do juízo. A palavra terra explora a ambiguidade, pois o diabo toma-a literalmente, aconselhando que não enterre o tesouro, rebaixando o sentido de terra na dualidade entre o divino e o mundano. E o termo juízo não só parodia o juízo final, mas ironicamente, aponta para as fortunas conseguidas ilegalmente, que por analogia, as maiores serão premiadas pelo diabo, quando fizer o seu juízo final.

22º Não vos fieis uns nos outros. Em verdade vos digo, que cada um de vós é capaz de comer o seu vizinho, e boa cara não quer dizer bom negócio. 23º Vendei gato por lebre, e concessões ordinárias por excelentes, a fim de que a terra se não despovoe das lebres, nem as más concessões pereçam nas vossas mãos. 24º Não queirais julgar para que



não seiais julgados; não examineis os papéis do próximo para que ele não examine os vossos, e não resulte irem os dois para a cadeia, quando é melhor não ir nenhum. 25º Não tenhais medo às assembléias de acionistas, e afagai-as de preferência às simples comissões, porque as comissões amam a vanglória e as assembléias as boas palavras. 26º As porcentagens são as primeiras flores do capital; cortai-as logo, para que as flores brotem mais viçosas e lindas. 27º Não deis conta das contas passadas, porque passadas são as contas contadas e perpétuas as contas que se não contam. 28º Deixai falar os acionistas prognósticos; uma vez aliviados, assinam de boa vontade. 29º Podeis excepcionalmente amar a um homem que vos arranjou um bom negócio; mas não até o ponto de o não deixar com as cartas na mão, se jogardes juntos. 30º Todo aquele que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou sobre a rocha e resistiu aos ventos; ao contrário do homem sem consideração, que edificou sobre a areia, e fica a ver navios.... (ASSIS, 1893, p. 5 - 6).

O versículo 22 demonstra a presença da desconfiança nas relações sociais, e mais uma vez apresenta a perspectiva darwinista, do mais forte prevalecer sobre o mais fraco. No entanto, Machado dispõe não de um olhar biológico, mas se volta para as relações sociais; faz uso da paródia para zombar e para denunciar a forma como os homens se relacionam.

A ironia zomba do detalhe em nome do conjunto, dando a cada episódio a importância que lhe compete: derrisão num conjunto que não passa de uma comédia diabólica... A ironia desmascara o falso sublime, os exageros ridículos e o pesadelo das vãs mitologias... É também um pudor que se serve, para preservar o segredo, da cortina da brincadeira... A ironia não é zombaria: no fundo, leva as coisas a sério, mas dissimula sua ternura. (MINOIS, 2003, p. 570)

No versículo 23 o autor faz uso da ironia ao dar uma razão banal para vender gatos por lebres, com o objetivo de que a terra não fique sem lebres. O que ele visa é aconselhar aos seus discípulos a serem malandros, se beneficiando sempre. No versículo posterior, a fala do diabo mostra o quanto a malandragem está arraigada à nossa sociedade, de modo que um não pode mostrar os papéis ilícitos ao outro, senão ambos serão presos, a lealdade se faz pelo interesse em não ser pego. Outra vez o uso da comicidade para indicar que tipo de sociedade está sendo apresentada, uma comunidade que não pode denunciar, reclamar, se posicionar de forma contrária, pois grande parte está embebida em uma esfera corrupta e desonesta.



No versículo 25 fica implícito um questionamento do que há nessa sociedade. Ao tempo que, responde que existem assembleias e acionistas que amam a vangloria e as boas palavras, por causa disso, o diabo ensina aos seus ouvintes e leitores a não serem meros malandros, mas a serem prolixos e fazerem o uso da palavra da forma mais persuasiva possível, a ponto dos que os ouvem serem ludibriados. Como afirma Minois “sob a aparência hedonista e narcisística, a sociedade humorística revela-se profundamente individualista. Ela bajula a pessoa para melhor neutralizá-la” (2003, p. 624). Posteriormente, orienta a roubarem os primeiros rendimentos, com a desculpa de que assim renderá mais. A fala do diabo nessa passagem é muito despreziosa e aparentemente desinteressada, dando ao leitor a ilusão de que ele está aconselhando para o bem, essa ilusão é proporcionada pelo uso da metáfora das flores.

Também norteia a não serem bons pagadores, e sim, inadimplentes. Esse apontamento é feito de modo cômico pelo uso da sonoridade das palavras em: “não deis conta das contas passadas, porque passadas são as contas contadas e perpétuas as contas que se não contam”, dando a impressão de um trava-língua pela marcação constante do som das palavras e disposição delas, a utilização do som marcadamente do ‘p’, dá a impressão ritmada da passagem do tempo, demonstrando que as contas de fato já passaram, além de ser um recurso estilístico na prosa e na poesia.

O autor se volta para os acionistas novamente, nesse verso aconselha que deixem os prolixos se aliviarem, ouvi-los faz parte das boas relações sociais, quando se quer barganhar um favor e/ou aplicar um golpe. A figura do diabo não está apenas dando meros conselhos sarcásticos, mas revelando como essas práticas estão diluídas nas relações sociais. Consequente, a expressão “excepcionalmente amar a um homem que vos arranjou um bom negócio”, afirmada no verso posterior, assinala a configuração dessa sociedade que só é possível amar se houver um benefício para isso, amar alguém que arrumou um bom negócio, no entanto, é amar excepcionalmente, não se é comum amar nem mesmo a quem arrumou o negócio. E mais, aconselha a não deixar o outro com as cartas na mão, é um “amor” baseado na desconfiança.

No último verso há uma inversão, que é um dos procedimentos da comicidade elencados por Bergson (2007), pois o diabo na sua fala usa de uma paráfrase do mesmo



modo que Cristo falou, dizendo ser prudente aquele que o ouve e pratica o que está sendo ensinado. Usando da mesma metáfora do homem que constrói sobre a rocha, faz uma inversão do que Cristo disse, pois aquele que praticasse o discurso moralista e religioso seria sábio, no entanto o diabo diz que aquele que o ouve é o sábio, pois terá os benefícios concedidos pela malandragem, denunciando que nessa sociedade quem for honesto não tem espaço social adequado, por isso “fica a ver navios”.

Aqui acaba o manuscrito que me foi trazido pelo próprio Diabo, ou alguém por ele; mas eu creio que era o próprio. Alto, magro, barbícula ao queixo, ar de Mefistófeles. Fiz-lhe uma cruz com os dedos e ele sumiu-se. Apesar de tudo, não respondo pelo papel, nem pelas doutrinas, nem pelos erros de cópia. (ASSIS, 1893, p. 6)

Como se fosse um conto, a voz narrativa se exime da responsabilidade diante de tudo que foi dito, no entanto é uma crônica, essa omissão se caracteriza como um recurso estilístico para ocasionar o riso. Bem como, a forma como o diabo é apresentado fisicamente constitui uma figura risível e uma retomada do estereótipo do personagem satânico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Machado, não sendo nem historiador nem filósofo da história, mas sim um artista, demonstra em sua obra uma clara visão dos problemas levantados pelo relato histórico” (SÁ REGO, 1989, p. 164), e é justamente pelo caráter cético, historicista, pessimista e filosófico, que se caracteriza a comicidade em suas crônicas, como procuramos apontar em: “O Sermão do Diabo”.

Essa paródia do Sermão da Montanha pregado por Cristo discute questões por meio do uso de recursos cômicos, entre eles: a paródia, a sátira, a zombaria, a ironia – esta última uma característica da tradição luciânica. Sob o pretexto de parodiar parte da Bíblia, Machado estabelece a relação entre o ideal (ética cristã) e o real (ética capitalista), bem como o paralelo entre correntes literárias, o Romantismo e o Realismo, que também são confrontados. O autor está mostrando as relações sociais como são de fato, e como o mundo está governado pelo Demo, sendo o próprio inferno. O diabo não é tomado como uma figura real, mas sim o retrato mitológico que está envolto na figurativização de Satã para retratar, e até mesmo personificar os males do século e do sistema.



O homem controlou o riso, bem como dominou as lágrimas. Não é apenas questão de controlar o corpo; é também porque os temas do riso e a seriedade são subtraídos. O riso perece pela falta de seriedade. O que fazia rir era a suposta idiotia dos outros e de suas ideias, de seus comportamentos, a surpresa nascida dos choques culturais. Num mundo onde tudo é respeitável, o componente agressivo do riso foi eliminado; de repente o riso, desvitalizado, não mostra mais os dentes. (MINOIS, 2003, p. 627)

Como afirma Minois na citação acima, podemos perceber o quanto o cômico se tornou necessário neste século, ocasionando alguns problemas com essa democratização do riso, entre eles a falta de vitalidade em rir e a obrigatoriedade do riso. O que antes era um esboço de hilaridade, hoje é o riso extrapolado e amarelo (MINOIS, 2003). É preciso recorrer aos textos aparentemente tão simples, mas tão profundos nas discussões levantadas, como o gênero textual crônica; em especial, as crônicas machadianas para entender os aspectos cômicos utilizados e a finalidade desses, mas também notar o quanto estes escritos são atuais em nossa geração e nos revelam questões imbricadas à nossa humanidade.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível: na história do pensamento** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; FGV, 1999.

ASSIS. Machado de. **O Sermão do Diabo**. Disponível em: <machado.mec.gov.br/obra-completa-menu-principal-173/169-cronica>. Acesso em: 01 Jun. 2016.

ASSIS. Machado de. **A Igreja do Diabo**. Disponível em: <machado.mec.gov.br/obra-completa-menu-principal-173/169-conto>. Acesso em: 01 Jun. 2016.

ASSIS. Machado de. **Parasita I**. Disponível em: <machado.mec.gov.br/obra-completa-menu-principal-173/169-crônica>. Acesso em: 01 Jun. 2016.

ASSIS. Machado de. **Parasita II**. Disponível em: <machado.mec.gov.br/obra-completa-menu-principal-173/169-crônica>. Acesso em: 01 Jun. 2016.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Trad. Ivone Castilho Benedetti – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007 – (Coleção Tópicos).



BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 41^a ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRAYNER, Sonia. (1982). *Metamorfoses machadianas: O laboratório ficcional*. In: **Coleção escritores brasileiros: Antologia e estudos**. São Paulo: Ática, 1982.

CÂNDIDO, Antônio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Ed da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARDOSO, Marília Rothier. *Moda da crônica: frívola e cruel*. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Ed da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

ÊXODO. Português. In: **Bíblia de Jerusalém**. Tradução de Gilberto da Silva Gorgulho. São Paulo: Paulus, 2002, p. 130-131. Edição Revista e Ampliada. Bíblia N. T.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Ilustrado**. Coordenação: Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. Curitiba: Ed. Positivo; 2008.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Tradução: Margarida Salomão. 1^a Edição, Vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, outubro de 1977.

JOLLES, A. O Chiste. In: **Formas Simples**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976. P. 205 - 216.

Centro de Desenvolvimento da Psique: Ecce Homo: O riso. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S1KFRkiMGCI>>. Acesso em: 01 Jul. 2015.

MATEUS. Português. In: **Bíblia Jerusalém**. Tradução de Theodoro Henrique Maurer Jr. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1710-1719. Edição Revista e Ampliada. Bíblia N. T.

MINOIS, Georges. 1946. **História do riso e do escárnio**. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SÁ REGO, E. José de. **O Calundu e a panaceia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica**. 1^a Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. (Coleção Imagens do Tempo).

SAMÓSATA. Luciano de. **O Parasita**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2012 – (Coleção Ideias Vivas).

ISSN: 2359-1064

V. 4 ED.1
2017



SANT'ANNA, Affonso Romano de. (1937) – **Paródia, paráfrase & cia.** 8 ed. – São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios).